

A ÚLTIMA ROSA DO VERÃO



# A última rosa do verão

Letícia Copatti Dogenski



© Moinhos, 2017.  
© Letícia Copatti Dogenski, 2017.

*Edição:*  
Camila Araujo & Nathan Matos

*Assistente Editorial:*  
Sérgio Ricardo

*Revisão:*  
LiteraturaBr Editorial

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Editorial

*Capa:*  
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

D654a  
Dogenski, Letícia Copatti | A última rosa do verão

ISBN 978-85-92579-51-7  
CDD 869.93  
Índices para catálogo sistemático  
1. Novela brasileira 2. Letícia Copatti I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2017 | 132 p.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Moinhos  
Paquetá — Belo Horizonte  
Minas Gerais — CEP 31330 572  
editoramoinhos.com.br  
contato@editoramoinhos.com.br

“– Se no inferno há endereço, tem nome de cidade grande –,  
e ninava o rebento no colo como se a distração lhe saciasse as ânsias.  
Que assim, tão pequenos, nos destinamos às distâncias.  
Bom se fosse.”



*A morte do prefeito Flaviano Baio*



A morte é tão obsoleta que em Saturnino ela acontece, quando não uma, duas vezes. A primeira não é envolta em choros ou lamúrias, desde reveladas as propriedades mágicas daquelas flores do verão ainda sem nome definido, assim tão próximos do começo do mundo. A segunda, porém, é a definitiva, e os obriga a zelarem pelos corpos moribundos, doídos no descostume provocado pela descoberta das flores da ressuscitação. São a esses, idos sem esperança de reivindicar seus corpos após a partida, que fazem festa todo maio: ornata a cidade em mil matizes e pintam de ouro os esqueletos dos entes exumados, acreditando, assim, chamá-los em companhia. A festa do fim do verão, portanto, não honra só as flores desabrochadas na dor das pontadas do orvalho enganador, dizendo-se macio aos olhos dos recém-acordados todas as manhãs. Não dá honra também apenas à brisa que fez verdade todas essas flores, e sustenta asas de insetos e a si mesma num vai e vem alérgico e refrescante tão querido ao fim dessa estação equatorial. Mais do que a festa do fim do verão, é a festa dos mortos, para honrar suas partidas e insistir por suas voltas. Para tanto, espalham suas comidas prediletas em vida sobre as mesas arrumadas com cores nos quintais das casas, alçam fitas de telhado a telhado para fazer desenhos sombreados nas ruazinhas de pedra, e esqueletos enfeitados são deixados para reluzir ao sol escaldante dessa época. Cena funesta, maldita, alguns diriam.

Nessa época, Saturnino era um vilarejo de feiras e flores, verões de muitos meses, gente toda conhecida. Na rua principal se cravava uma pracinha de muito verde, e as ruas secundárias não levavam muito longe. O casario se vestia tão colorido quanto à primavera e a rua se calçava com pedras batidas e terra vermelha. Em meio ao florescer constante de seus matos, pouco se atinham ao nascimento das Rosas do Verão, com seu cheiro abismal enfeitando em laranja os canteiros da praça, crescendo como peste, reproduzindo-se como praga. Quando em vez, avultavam e tomavam a rua, espalhavam-se num tapete veranil e fétido, e os passantes as evitavam toda vida. Cortavam a relva jogada dos canteiros, tiravam tantas até a raiz, mas a peste insistente ainda crescia, pouco se detendo à terra fofa cercada de murado. Houve quem lhes arrancasse as pétalas e galhos, em seu espírito curioso estudasse a planta alaranjada, sem nunca saber a que diabos se renderia. Porque as plantas também têm seus meios e fervidas em chaleiras revelam seu fim. Só das estranhas rosas do verão de Saturnino não se descobria coisa alguma: não serviam para perfume, não curavam dores ou vertentes jorrantes de aberturas humanas, ainda murchavam com rapidez depois de separadas de seus talos nutritivos. Nem nome tinham naquele tanto, e se acostumaram a chamá-las Rosas do Verão, ostentando sua pequenez de cor sedutora na quentura estival da proximidade do sol.

O prefeito de Saturnino era homem querido, chamado Flaviano a combinar com o cabelo loiro da origem gringa de seus antepassados. Por conta de sua genética e seu entusiasmo pela liderança, era herói de guerra mesmo sem tê-la conhecido. Tinham-lhe respeito porque era neto de general dos grandes na guerra pelo útero territorial do qual tinha brotado com os seus desde tantas gerações passadas, antes mesmo da existência de Saturnino. Pegaram em armas contra as tropas estrangeiras que tentavam se apropriar do território cultivado

e querido, em época quando o preço da borracha extraída de seus seringais disparou naquele final de século promissor para um continente em ascensão. Defenderam-se de tal Silveira, tirano comandante das tropas estrangeiras, cruel ante seus desejos caprichosos. Em contrapartida, uniram-se Ramóns e Santanas para brigar por suas terras e árvores. A região pequena, até então não oferecendo grandes motivos de interesse a país fronteiriço nenhum, tornou-se de tal forma objeto de desejo urgente que a malevolência dos métodos invasores obrigou os índios a deixarem o lugar, não sem antes darem exemplo de sua virilidade aos cobiçosos desumanos, gritando às margens da fronteira a independência daquele pedaço de mundo, sem ninguém, contudo, a lhes dar vazão. Receberam mais chumbo, mais funerais foram celebrados e a tristeza da pátria perdida espalhou-se. Na voracidade daqueles que se achegavam para dominá-los, foram maltratados até desistentes, e ainda houve quem cobrasse de seus bolsos a liberdade da partida. Foram embora Ramóns, Santanas e outros ainda, a buscar terra nova em sua desesperança, arruinados pelos interesses dos grandes, abortados da pátria. Subiram no continente até encontrarem lugar nenhum e de ninguém, e ali se cravava Saturnino, numa alegria tão constante e num sorrir tão intenso de fazer esquecer o passado arruinado do qual eram frutos.

Flaviano era de nome Baio, mas era neto de Ramón, nome de família perdido em sua mãe. Mas levava ainda as honras do avô brigador, lembrado pela coragem naqueles dias desgraçados de luta, pois cultuavam o sacro nos que ainda nasciam. Isso justificou a grande infelicidade daquela terça-feira meio carcomida por muitos ventos, quando Flaviano pereceu de uma febre mal conhecida, mas dessas que só pode vir de bicho. “Sacrifiquem os animais”, choraram a viúva Amelina e os mais entusiastas pela sua pessoa, e o teriam feito caso não se descobrisse a grande dádiva que os abençoou naquele dia

até anos próximos. No amarelão da morte trágica e na frieza do sangue estancado, Flaviano jazia numa feiura admitida, e a falta de expressão deixava evidente os vincos de sua pele e as sobras gordurosas em seu pescoço. “Tem de pôr flores nesse morto”, concordaram a esposa e suas amas, duas mulheres de meia idade contratadas para o serviço de casa, pois de uma febre forte da mãe em sua gestação, Amelina herdara as mãos atrofiadas e de pouco uso. Cataram todo mato crescido ao redor da cidade, não só elas, mas todo o vilarejo trouxe ramos mil, e a primavera floresceu na sala funerária da igreja central, celebrando a vida ao se fadar também à morte. Tanto arrancaram flores aqui e acolá por toda a redondeza que as senhoras da igreja, cujos esposos eram tão amigos do prefeito, não encontravam planta alguma para levar em honras ao falecido. Miranda Calvário e Irma Mayo, na iminência do ato inaceitável de chegarem ao funeral de mãos vazias, arrancaram dos canteiros da praça grandes chumaços daquelas flores laranjadas, ali esquecidas ainda adornando sozinhas a cidadela, e as arrumaram com grandes laços e papel de seda para disfarçar o cheiro de desgraça com algo bonito para os olhos. Os buquês de Rosas do Verão, porém, foram logo usados para adornar a cabeça do defunto, que fedia pelo nariz e pela boca como se as entranhas ocupadas lhe subissem à cabeça. Mesmo desagradável, o cheiro daquelas flores não desaforava tanto ao olfato quanto o odor azedo da morte. E prolongadas as rezas do dia, deixaram o morto descansar em sua última noite acima da terra, no colorido primaveril de seu inverno intrínseco, e o trancaram para que se despedisse de sua alma entre odores diversos de flores ao acompanharem seu apodrecer.

Nem bem virado o dia, ouviram o clamar de Flaviano à porta de casa, gritando à mulher caída em seu sono choroso de viuvez o abrir da porta, pois no costume à quentura de seus locais no mundo, qualquer madrugada fresca era um

frio do cão. A viúva Baio acordou num sobressalto como se um sonho se tornasse real, adornado num suspense de pesadelo no decorrer cinza daquela noite. Quando bem despertada, podia já jurar, ouviu de novo o bater na porta, o grito do marido cuja voz reconhecia em meio a qualquer furdunço. Correu escadas abaixo para dar de fuças nas de suas amas acompanhantes, tremendo nos braços uma da outra, em seus pavores cochichando sobre fantasmas e maldições. Amelina Baio, no desalento faltoso que uma única noite de desamor pode trazer, mesmo sobressaltada de ouvir a voz do defunto deixado a descansar antes de sua inumação, abriu a porta numa coragem e desígnio esperançoso. Foi bater os olhos, de fato, naquelas faces ainda funerais, mas de pálpebras bem abertas, como se fossem elas as responsáveis pela apreensão da alma nessa vida. Depois de passar o dia todo a velar aquele homem num caixão de cedro envernizado, cheirando à podridão da morte mesmo que há pouco partido, tê-lo vivo nos olhos a fez imaginar se não seria essa a sua vez de perder os sentidos. No entanto, via-o mesmo sobre suas próprias pernas a reclamar da demora em atendê-lo e, com certeza, divertindo-se com a estupefação da mulher, mesmo também não assimilando o transcorrido.

O cheiro das rosas de adorno, dizia, confundia-se com o das mil colônias em que o tinham banhado, e enquanto aos poucos a vida lhe voltava tinha consciência da fetidez insuportável do recinto, de flores, unguento e morte. O fartum abria suas veias, obrigara-o a pulsar, até se sentir caindo no vazio do próprio corpo e abrir suas pálpebras num ímpeto resignado ao perceber a desistência da morte sobre sua pobre alma, e não voltou a fechar os olhos para não ter outras surpresas como essa, preferia tê-los secos no arregalo constante. “Voltei perigando morrer do coração”, explicava à mulher, cujo susto do retorno querido a fazia tontear em seu eixo como se desprovida de juízo, tropeçar em trancas inexisten-